



5682 - Trabalho - 39ª Reunião Nacional da ANPED (2019)
GT04 - Didática

A DIDÁTICA NO CONTEXTO DA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE ARTES VISUAIS EM MOJU-PA: A CULTURA MATERIAL DA DIDÁTICA E O FAVORECIMENTO DO TRABALHO DOCENTE

Ricardo Augusto Gomes Pereira - GRUPO DE ESTUDOS E PESQUISAS EM EDUCAÇÃO DO CAMPO/UFGA/ ICED

INTRODUÇÃO

[...] a existência [...] de cada elemento da riqueza material não existente na natureza, sempre teve de ser mediada por uma atividade especial produtiva, adequada a seu fim, que assimila elementos específicos da natureza a necessidades humanas específicas. Como criador de valores de uso, como trabalho útil, é o trabalho, por isso, uma condição de existência do homem [...].

MARX (1985a)

A didática tem sido vista na atualidade como uma representação de educação tradicional a qual impõe aos professores que apliquem processos de memorização e fixação de conteúdos no qual é realizado de forma coercitiva. Fusari & Ferraz (1999) apontam que em Artes Visuais, a didática também cumpriu esse papel, considerando que ao centrar seu trabalho no conteúdo do desenho buscava a padronização voltada para o desenvolvimento de habilidades técnicas em detrimento da percepção, da sensibilidade e do senso crítico das pessoas.

Essa se constitui uma visão que impera não somente na área de artes, mas em todos os campos de formação de professores, vendo-a como mera formalidade do processo formativo, já que a formação pedagógica no referido processo é relegada diante da formação específica, a qual é atraente por ser nela que acontece a apropriação dos saberes da profissão. No entanto, problematizo que parte desses saberes precisam passar pelo tratamento didático, afinal versar sobre ensino é tratar do manejo da aprendizagem do outro que está recebendo os efeitos do ensino.

Diante dessa problematização, observa-se que a categoria trabalho em didática ainda não é vista como tarefa com valor material, já que esse é um problema recorrente no campo da docência por estar associada ao sacerdócio, o ofício de professor, sendo que tudo que for recorrente a ele não será trabalho, já que deverá ser encarado como doação, abnegação em todos os campos, inclusive o trabalho didático, o qual está em posição secundarizada e vista de forma minorizada. A reflexão sobre trabalho em relação a ação docente do professor tem sido objeto de inúmeras discussões como nas análises de Ludke; Boing (2007); Pereira (2007); Silva; Rosso (2008); Junckes (2013); Nornberg; Silva (2014); Jillou; Cecílio (2015) que examinam o trabalho docente emergindo de uma profunda fragmentação da ação do professor que hoje se encontra intensificado e precarizado pelas condições objetivas impostas pelas lógicas do capital à toda área de educação.

Marx (1964) aponta que em relação ao trabalho na obra "Os manuscritos econômicos e filosóficos" a referida categoria na perspectiva da hegemonia do capitalismo, acontece atrelada a alienação, já que esta acontece em etapas e de um homem sobre o outro, e marcadamente no contexto do trabalho ao aliená-lo de sua maneira genérica.

Observa-se que a categoria trabalho é central na teoria de Marx, tanto na perspectiva deste como forma de realização humana e fonte de riqueza, como também um condicionante dialético na vida social que põe frente a frente a realização humana as modernas relações de mercantilização do trabalho. Em relação ao trabalho do professor, essa dialética comparece de forma evidente, uma vez que na balança que pesa essa situação está em descompasso, pois com a intensificação do trabalho do professor, dificilmente o professor se realiza, como mostra Jillou; Cecílio (2015, p.234),

analisar o trabalho docente supõe distinguir as condições [externas e internas] de seu exercício, os controles a que é submetido, as formas de precarização e intensificação progressivas presentes na reestruturação produtiva, sentimento de impotência, medo e insegurança empregatícia.

A categoria trabalho na perspectiva em que venho problematizando, tem se refletido nos vários campos da docência e observa-se que professores em formação se impregnam de sentidos vagos e sem fundamentos que justifiquem a utilização de seus pressupostos no desenvolvimento da disciplina e do currículo. Isso tem se transformado em um estado de coisas em torno da didática ensinada nas universidades, em especial nos cursos de licenciaturas que, apesar da didática ser um eixo central na formação de um professor, esta é vista como um conhecimento meramente teórico e sem importância.

Esses pressupostos tem comparecido o trabalho doente em Didática no Programa de Formação de Professores da Educação Básica (PARFOR) a partir de perspectivas analíticas que considerem a formação pedagógica de licenciados e o desenvolvimento do trabalho docente, enquanto trabalho, o qual se processa pela produtividade, sem vincular-se a alienação, mas, acima de tudo, pensar o processo dialético da educação, a partir da compreensão de Pimenta (2002, p.36) ao afirmar que a dialética da educação "[...] significa entendê-la, conhecê-la, torná-la intencional e sistematicamente como objeto de investigação [...]".

Tratar a Didática nessa perspectiva tem gerado uma série de constatações, especialmente sobre o manuseio da disciplina em relação a gama de materiais que são produzidos, já que a didática ao longo de sua existência tem produzido não somente estratégias, mas materiais que auxiliam na aprendizagem, e que ao longo do tempo tem se constituído um cabedal cultural específico da disciplina que na visão de Pesez (1978) aponta que esse tipo de cultura está relacionado a concretude necessária ao discurso que envolve a produção social. Pregnolato (2006) salienta que o termo cultura

material é advindo do termo cultura arquiológica, a qual se constitui os artefatos que registram a existência de grupos humanos.

É necessário lembrar que cultura material no âmbito da didática relaciona-se ao cotidiano e toda a sua subjetivação, já que esta exerce uma função prática no contexto da escola e da aprendizagem dos sujeitos. Daí a relação entre didática e cultura, as quais se baseiam na experiência dos sujeitos que criam e a utilizam no âmbito da escola. Observa-se que, na visão de Certeau (1994), o cotidiano se constitui algo que se partilha no dia a dia e, por isso prende-nos à realidade. Essa concepção aponta para a natureza prática da cultura material e da própria cultura, já que tem na sua natureza a partilha dos processos que envolvem a vida em sociedade, pois, “A história da ideia de cultura é a história do modo por que reagimos em pensamento e em sentimento à mudança de condições por que passou a nossa vida” (WILLIAMS, 1969, p.30).

Esses fundamentos são importantes para compreender o trabalho realizado na disciplina Fundamentos da Didática, a qual teve por finalidade oportunizar reflexão crítica acerca dos fundamentos da didática e sua prática no contexto da arte na Educação Básica (Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio) no que concerne a atuação docente. Para atingir esse objetivo na referida disciplina, privilegiou-se a construção individual e coletiva, a participação, requerendo leituras, análise e discussões dos temas seguidos de elaboração de sínteses, com vistas a assegurar a interação dos fundamentos teóricos. Imersão no cotidiano eleito para realização de vivência, registro e acompanhamento do trabalho no que denominei de tempo trabalho educativo, que foi vivenciado nas diversas comunidades ribeirinhas ao longo do rio Moju e outros rios da região.

O tempo trabalho educativo se constituiu uma estratégia de desenvolvimento do trabalho pedagógico baseado no tempo comunidade, metodologia desenvolvida nos cursos de formação em Educação do Campo, que da carga horária total, uma parte dela é destinada a estudos e pesquisas independentes no qual os alunos retornam às suas comunidades para aplicarem os conhecimentos aprendidos na disciplina.

Na disciplina Fundamentos da Didática, a forma assumida no tempo trabalho educativo foi organizada em função de que a carga horária total era de 68h e, de forma intensiva, aconteceram somente 50 horas, e as 18 horas restantes foram aplicadas à distância, com a finalização em um encontro presencial no qual os alunos expuseram as experiências desenvolvidas em campo, como também o material produzido no referido tempo realizado no município de Moju em 2018 no curso de Artes Visuais do citado programa.

Diante dessa argumentação, este artigo tem como objetivo analisar a cultura material da didática e sua influência na prática pedagógica de professores de Artes Visuais em formação e o favorecimento do trabalho docente. Especificamente, o artigo visa identificar em que medida os recursos didáticos influenciam na aprendizagem em Artes Visuais e discutir com a prática pedagógica pode ser alicerçada a partir da utilização de recursos construídos didaticamente para favorecer a aprendizagem.

Para atingir esses objetivos, procuro nesse texto desenvolver uma análise apoiada no registro da experiência desenvolvida, considerando a perspectiva culturalista a qual essa categoria se apegua, especialmente Thompson (1981) no qual o autor na obra “A miséria da teoria”, analisa a experiência cultural como acelerador da ação social. Essa foi a noção que embasou o tempo trabalho educativo proposto no sentido de produzir experiências pedagógicas a partir da aplicação de projetos de ação elaborados durante a disciplina.

Para desenvolver o exame dos resultados que foram apresentados no encontro presencial do referido tempo, utilizo como fundamento a análise interpretativa sobre a qual Severino (2007, p.94)

(...) é tomar uma posição própria a respeito das ideias enunciadas, é superar a estrita mensagem do texto, é ler nas entrelinhas, é forçar o autor a um diálogo, é explorar a fecundidade das ideias expostas, é cotejá-las com outros, é dialogar com o autor (...).

A perspectiva apontada por Severino (2007) para análise interpretativa significa a direção do que se apresenta nesse artigo, a reflexão sobre a prática desenvolvida pelos alunos de Artes Visuais e sua relação com a cultura material que envolve a didática e seus fundamentos.

CULTURA E CULTURA MATERIAL DA DIDÁTICA: IMPLICAÇÕES À PRÁTICA PEDAGÓGICA DO PROFESSOR DE ARTES VISUAIS

As implicações da didática sobre o trabalho docente parte de uma produção material e subjetiva que influencia na aprendizagem das pessoas. Essa perspectiva não pode ser vista de forma isolada, uma vez que ela nasce da experiência dos sujeitos e de suas relações. Ao analisar a questão por este ângulo, observa-se que desde Comenius No século XVIII, a didática tem a função de partilhar coisas que devem durar, não tendo um lugar específico para que isso seja repassado.

Essa noção de Comenius em muito se aproxima da noção de cultura que Williams (1992) reflete sobre as funções que a mesma exerce na vida humana, ao definir que existem dois aspectos que imperam na experiência e materialidade humana no que o autor chama de “espírito formador” e na “cultura vivida”. Observa-se que em ambas as categorias apontadas pelo auto, a didática se apresenta fortemente, pois significa a dimensão formadora e vivida que a prática pedagógica apresenta no cotidiano da sala de aula e da escola. Williams (1992, p.11) salienta que “há questões fundamentais quanto à natureza dos elementos formativos ou determinantes que produzem essas culturas características. Fundostas alternativas a essas questões têm produzido amplo leque de significados convincentes [...]”.

A opinião de Williams (1992) exposta no livro “Cultura”, afirma que o termo cultura é ambivalente, já que possui uma série de significados relacionados a diversos aspectos da vida humana que vão desde as relações com as atividades sociais até especificidades das artes e trabalho intelectual, considerando que “a dificuldade do termo é, pois, óbvia, mas pode ser encarada de maneira proveitosa como resultado de formas precursoras de convergência de interesses” (WILLIAMS, 1992, p.11).

Nesse sentido, a relação entre didática e cultura se estabelece a partir da produção de sentidos diversos no interior da escola, uma vez que esta acontece a partir da organização de meios que conduzem a uma comunicação efetiva de informações importantes a aprendizagem. Historicamente a didática tem feito esforços diversos nessa direção que acabaram por criar formas de alienação dos sujeitos em nome da aprendizagem eficiente e o abandono da consciência crítica. Alfredo Veiga-Neto (2003) no artigo “Cultura, Culturas e Educação” publicado na Revista Brasileira de Educação aponta que atualmente a educação tem recorrido a muitos aspectos da cultura, o qual ele chama de virada cultural e isso tem gerado novas formas de comunicação no âmbito da educação e em outros campos.

No entanto, a didática historicamente sempre criou esses meios de comunicação a fim de facilitar a aprendizagem das

peessoas. Essas formas se inserem no que se convencionou chamar de cultura material escolar, já que este conceito se relaciona a compreensão dos diversos materiais ligados a produção material da educação (BENCOSTA, 2007). Dessa forma, a didática é produtora uma série de materiais que colaboram com a práxis como atividade docente por excelência relacionada ao ensino. Pimenta (1995, p.63) salienta que tanto a estratégia didática, como a sua produção material manifestam-se na perspectiva do ensino, pois,

Ocorre através de outras atividades e agentes sociais –, a tarefa de ensinar, desde a organização, análise e decisão dos processos de ensino em aula, até a organização, análise e decisão de políticas de ensino e seus consequentes resultados no processo de educação enquanto humanização, constitui a especificidade de trabalho profissional do professor.

Dessa forma, é possível compreender que materiais produzidos em aulas e no processo do trabalho docente do professor tem como fim a humanização dos envolvidos no processo de ensino. Observa-se que essa reflexão de Pimenta acontece no cotidiano da escola e relacionadas ao seu saber-fazer, uma vez que este conceito, a partir da compreensão dos estudos culturais, se manifesta a partir da cultura demonstrada pelos sujeitos e suas ações, sobre a qual Certeau (1994) afirma que é algo invisível, pois “aquela que, de dentro da linguagem ordinária, mostra esses limites; aquela que denuncia o caráter irreceptível (o *nonsense*) de toda sentença que tenta uma saída para aquilo que não se pode dizer” (CERTEAU, 1994, p. 69).

Tanto as posições de Pimenta sobre a produção da didática e do trabalho docente, como de Certeau sobre o cotidiano sinalizam que na escola, fazeres e saberes lançam mão de insumos criados para facilitar a compreensão da vida em seus aspectos teóricos e práticos representados em “instrumentos legais e das propostas descritas em seus documentos institucionais em termos de significação dada pelos sujeitos, mas não em termos epistemológicos” (MANESCHY, 2013, p.8-9).

Assim, é possível observar que isso ocorre em todas disciplinas do currículo escolar e a arte está envolvida nisso enquanto prática curricular, essa disciplina desenvolve materiais específicos que culturalmente se incorporaram aos fazeres da arte no âmbito escolar. Sobre isso Silva (2011, p.8) aponta que a cultura material em artes está relacionada “à forma, à identidade, às relações sociais e aos discursos engendrados pelos objetos”.

É possível verificar que na prática dos professores de arte, o discurso não é apenas recurso de palavra, mas se materializa na utilização de materiais que colaboram com a significação dos sentidos atribuído a atividade que o professor direciona a partir dos conteúdos da referida disciplina. Silva (2011) salienta ainda que a cultura material da arte extrapola o sentido meramente didático e adentra em sentido subjetivos que somente a arte pode revelar,

[...] utilizando-se das categorias êmicas presentes [...] em alguns desses objetos, singularmente concebidos como presentificações de relações estabelecidas com alteridades extra-humanas e suas potências, especialmente divindades e demais habitantes do cosmos (animais, plantas, minerais, etc.), dotados de atributos humanos, ponto de vista, subjetividade e intencionalidade (SILVA, 2001, p.8).

A partir do que foi dito por Silva (2011), observa-se que são muitas as possibilidades de produção material, tanto da arte, como da didática, considerando que em ambas as atividades existem a necessidade de produções a comunicação. Nesse sentido, a disciplina Fundamentos da Didática desenvolveu materiais para elucidar:

- a) A compreensão do processo ensino-aprendizagem a partir das teorias subjacentes da educação;
- b) A prática escolar e suas etapas de trabalho: Planejamento, execução e avaliação com ênfase nas linguagens visuais;
- c) Elaboração de projetos em artes visuais a partir da realidade ribeirinha de Moju-Pa.

Os conteúdos apresentados apontam para a apreciação crítica da educação e sua vinculação com a realidade ao tratar das teorias tradicionais e críticas que implicam em concepções de desenvolvimento da arte na escola e suas relações. As teorias subjacentes à educação, colaboram com a compreensão de que a educação é permeada por influências que a impulsionam em diversas direções. Saviani (2011) na obra “Escola e Democracia”, aponta que, de uma forma geral, a educação está envolvida em um fenômeno que o autor chama de marginalidade, na qual a educação pode ser usada para correção ou avanço da sociedade. O que foi discutido no âmbito das Artes Visuais girou em torno do papel da arte nesse processo, chegando-se a conclusão que ela serve ao avanço por proporcionar autonomia aos atingidos pelas suas ações.

Com essa constatação, pode-se perceber que a autonomia proporcionada pela arte, precisa de um processo de organização, a qual foi realizada a partir do trabalho com o planejamento didático que segundo os PCNs de Artes, assinala que,

[...] aprender arte envolve, basicamente, fazer trabalhos artísticos, apreciar e refletir sobre eles. Envolve, também, conhecer, apreciar e refletir sobre as formas da natureza e sobre as produções artísticas individuais e coletivas de distintas culturas e época (BRASIL, 1997, p.15).

A disciplina atuou na direção de pensar a práxis a partir dos saberes aprendidos com as aulas de Didática, nas quais foram empreendidos durante o tempo trabalho educativo que foi planejado para surtir efeito nas comunidades ribeirinhas de onde emergiam a maioria dos alunos da turma. Essa perspectiva de trabalho aponta para a criação de materiais alternativos que auxiliaram na comunicação de conteúdos disciplinares, considerando que os referidos professores são profissionais em formação em serviço.

A PRODUÇÃO MATERIAL DA DIDÁTICA NO ÂMBITO DAS ARTES VISUAIS: CONSTATAÇÕES E REFLEXÕES

O desenvolvimento do trabalho pedagógico na disciplina Fundamentos da Didática se deu a partir da reflexão, primeiro teórica, acerca das teorias subjacentes a educação, as quais deram lastro à discussão da prática pedagógica mediada a partir da cultura amazônica, especialmente a ribeirinha, a qual faz parte da identidade dos professores cursistas.

Deu-se preferência a essa característica porque a Amazônia se constitui uma região que não é apenas pela exuberância

de seus aspectos físicos e geográficos, mas também pela capacidade de ser reconhecida pelo seu imaginário estético-poetizante, sobre o qual Loureiro (1995) analisa que a grandiosidade da região desencadeia no homem amazônico um devaneio mediatizado pela beleza da floresta, rios, terras e a diversidade de pessoas que constituem o corpo mítico que a região o qual é constituído de invenções e reinvenções através de suas lendas, suas danças, sabores, cheiros e saberes.

A cultura ribeirinha é uma parte do universo populacional e cultural que a partir de modos de vida peculiares associado ao rio e suas margens que atualmente emerge como uma categoria de análise que tenta desvendar pela via da pesquisa as peculiaridades e saberes dessa parcela da população amazônica. Nesse sentido, a construção da produção material da disciplina Fundamentos da Didática partiu do reconhecimento dessa característica da turma, a qual penetrou nos modos de perceber a região e transformá-la em exercício plástico artístico.

Ao trabalhar com o universo cultural da cidade de Moju, os alunos construíram materiais que evocassem a lenda da cobra grande que serpenteia o rio que banha a cidade e se transformou em um elemento para comunicação e discussão em sala de aula. Loureiro (1995, p. 39) analisa que, seja na cultura, seja no âmbito da sala de aula, a “[...] cultura amazônica, a conversão semiótica para o estético, segundo a qual as funções se reordenam e se exprimem pela formação ressimbolizada e sobre a qual recai a contemplação”.

O que Loureiro (1995) chama de *conversão semiótica*, continua a se materializar na produção material da turma, a partir de outras lendas que habitam o imaginário de Moju. Na referida imagem observa-se o trabalho com fantoches produzidos com materiais reciclados e que representavam a matinta perera. Observa-se na elaboração dessa forma de comunicação de conteúdos que os materiais produzidos partem do que Oliveira; Santos (2007) chamam de cartografia simbólica, quando sujeitos imaginam e representam a realidade social e cultural a qual vivem, permitindo dessa forma, estruturar saberes fora da formalidade imposta pela escola, mas esboçar significados próprios, a partir da identidade do lugar.

Um dos materiais produzidos no tempo trabalho educativo foi a sombrinha chuva de ideias, a qual foi desenvolvida para servir de dinâmica para desencadear ideias nas aulas de Arte Visuais. O objetivo da sombrinha era proporcionar um espaço de discussão dos conteúdos, permitindo aos alunos a intervenção nos conteúdos e condução da aprendizagem em sala de aula, proporcionando autonomia aos alunos, já que estes têm possibilidades de decidir como ocorrerá as atividades da disciplina que por ter essa característica foi denominada de “círculo do conhecimento”.

Ao desenvolver essa sequências de materiais de auxílio a comunicação na sala de aula, surgiu a proposta de utilização de materiais produzidos em outras disciplinas do curso de Artes Visuais, considerando que a experiência desenvolvida foi além do meramente didático, pois a produção desses recursos colaborou com a educação do olhar e do senso estético e crítico dos alunos pela prática efetiva, já que a educação do olhar pode acontecer pela “experiência artística, experiência que só será significativa se a leitura da imagem e sua contextualização forem bem trabalhadas” (BITTAR, 2007, p.99).

Outro aspecto importante que está implícito no ensino de Artes Visuais e sua relação com a cultura material é seu caráter êmico que inspira a transformação de materiais elementos comunicacionais que segundo Silva (2011, p. 8) “dotados de atributos humanos, ponto de vista, subjetividade e intencionalidade”.

Dessa forma, este estudo versou sobre a produção material da didática sobre qual é possível relacionar a práxis como processo de transformação da vida humana presente aspectos teóricos e práticos. O desenvolvimento da disciplina Fundamentos da Didática na Licenciatura em Artes Visuais procurou atuar junto aos professores cursistas de forma desenvolver não só a teoria, mas uma prática efetiva mediada pela realidade local dos alunos de Moju.

Pimenta (2002, p.88) ressalta que o trabalho didático guiado pela práxis coloca em ação uma outra pedagogia, permeada pela dialética e a indissociabilidade entre teoria e prática, que autora afirma ser fruto da atividade humana que se “caracteriza como produto da consciência, a qual prefigura as finalidades da ação (atividade teórica)”. O trabalho desenvolvido na disciplina Fundamentos da Didática partiu do princípio de que os vários materiais produzidos se configuram da atividade humana, pois foram pensados para produzir conhecimentos a partir da realidade.

Essa realidade foi estabelecida a partir da identidade ribeirinha, a qual os alunos pertencem e desenvolveram suas atividades permeados pelos sentidos, saberes e significados construídos social e culturalmente nos rios e florestas da região. As atividades propostas à realização no tempo trabalho educativo, fez emergir a vivência enquanto fruto da experiência que entrelaça o indivíduo e o mundo. Essa perspectiva, no caso dos alunos de Moju, em larga medida se deu pela vivência a beira dos rios e igarapés que são abundantes na região e que impregnam seus imaginários de ideias que vão de encontro aos conteúdos de Arte, já que “fundada nas ideias de tradição, narração e comunidade, a Vivência (*Erlebnis*) centra-se no indivíduo, na consciência, na percepção isolada” (MATEUS, 2014, p.5).

Assim, viver essa experiência no conjunto da disciplina representou o mergulho na própria subjetividade da cultura local para a construção de conteúdos e materiais mediados pela cultura ribeirinha que segundo Oliveira; Santos (2007, p.4) “[...] representam traços subjetivos da história e da vida social das comunidades amazônicas envolvidas”. Destaco que a Amazônia, não é somente um celeiro de recursos naturais, mas também de imaginários úteis ao universo educacional e artístico que precisa ser explorado pelos professores da região e do Brasil.

A cultura material da didática se deu na direção de criar recursos que facilitassem a comunicação de conteúdos e sentidos que as Artes Visuais requerem, pois partem de interpretações aprofundadas sobre objetos e recursos que na visão de Silva (2001, p.8),

Essa orientação não pretende deslegitimar as análises que enfatizam as manifestações artísticas e os sistemas de objetos como sistemas de representações, indicadores de processos identitários, de afirmação de sujeitos de direitos, de discursos variados e de importantes mensagens culturais neles contidos.

As produções dos materiais no decorrer da disciplina mostraram que a formação de professores, no caso da região amazônica, tem que recorrer a sua subjetividade cultural, pois ela pode em muito alimentar os conteúdos disciplinares na formação e na prática efetiva. Acredito que essas tenham sido lições aprendidas coletivamente na disciplina, pois pensar formação mediada pela cultura, cotidiano e experiência dos sujeitos é extrapolar os limites da educação formal e com isso aperfeiçoar professores conscientes de seu papel sociocultural.

REFERÊNCIAS

BENCOSTTA, Marcus Levy. **Culturas escolares, saberes e práticas educativas**: itinerários históricos. São Paulo: Cortez, 2007.

BITTAR, VALÉRIA MAIA SOARES. **Concepções e práticas de professores de Artes Visuais**. Universidade Federal de Juiz de Fora: Programa de Pós-Graduação em Educação, 2007. (Dissertação de Mestrado).

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais de Arte**. Brasília, 1997.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**: Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

FUSARI, M.F.R.; FERRAZ, M. H. C. T. **Metodologia do ensino da arte**. São Paulo: Editora Cortez, 2. ed., 1999.

JILLOU, Vivian; CECÍLIO, Sálua. **Condições de trabalho docente e sofrimento psíquico no ensino superior privado**. Salvador/ BA: Germinal: Marxismo e Educação em Debate, v. 7, n. 2, dez. 2015. 233-241pp. Disponível em <https://portalseer.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/view/13552>. Acesso em 10 de abril de 2019.

JUNCKES, Rosani Casanova. **A prática docente em sala de aula: Mediação pedagógica**. UNISUL: VI SIMPOF, 2013. Disponível em linguagem.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/eventos/.../Rosani_Junckes.pdf. Acesso em 10 de abril de 2019.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura Amazônica**: uma poética do imaginário. Belém: Cejup, 1995.

LÜDKE, Menga; BOING, Luiz Alberto. **O trabalho docente nas páginas de Educação & Sociedade em seus (quase) 100 números**. Campinas/ SP: Educ. Soc., vol. 28, n. 100 - Especial, out. 2007. 1179-1201pp. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em 10 de abril de 2019.

MANESCHY, Patrícia D. C. **Discussões didáticas no cotidiano**: Acerca dos modos de pensar e fazer a prática pedagógica. VIII SIMPED - Simpósio Pedagógico e Pesquisas em Educação, 2013. 16p. Disponível em <http://www.aedb.br/wp-content/uploads/2015/05/22319157.pdf>. Acesso em 26 mar 2017.

MARX, Karl. **Os manuscritos econômicos e filosóficos**. São Paulo: Edições Boitempo, 2008. 175p.

MATEUS, Samuel. **A Experiência e a Vivência**: proposta de uma teoria modular da comunicação. Brasília/ DF: Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação - E-compós, v.17, n.2, mai./ago. 2014. 14p. disponível em <http://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/1029/764>. Acesso em 14 de abril de 2019.

NORNBERG, Marta; SILVA, Gilberto Ferreira da. **Processos de escrita e autoria sobre a ação docente enquanto prática formativa**. Curitiba/ PR: Educar em Revista, n. 54, out./dez. 2014. p. 185-202. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/er/n54/a12n54.pdf>. Acesso em 10 de abril de 2019.

OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de; SANTOS, Tânia Regina Lobato dos. **Cultura amazônica em práticas pedagógicas de educadores populares**. 30ª Reunião Anual da Anped, GT06 - Educação Popular, 2007.

PEREIRA, Júlio Emílio Diniz. **Formação de professores, trabalho docente e suas repercussões na escola e na sala de aula**. EDUCAÇÃO & LINGUAGEM, ANO 10, Nº 15, JAN.-JUN. 2007. 82-98pp. Disponível em <https://www.metodista.br/revistas/>. Acesso em 10 de abril de 2019.

PESEZ, Jean-Marie. **Cultura material**. In: EINAUDIO, Giulio. Enciclopédia Einaudio, vol. 04, 1978.

PMENTA, Selma Garrido. **O estágio na Formação de Professores**: Unidade Teoria e Prática? São Paulo: Cortez, 2002. 200p.

_____. **O estágio na Formação de Professores**: Unidade Teoria e Prática? Cadernos de Pesquisa. Ago, Nº 94, 1995. 58-73pp. Disponível em <http://www.fcc.org.br/pesquisa/publicacoes/cp/arquivos/612.pdf>. Acesso em 26 mar 2017.

PREGNOLATTO, Felipe Pascuet. **A cultura material na didática da História**. São Paulo: USP/ Programa de Pós-Graduação em História Social, 2006. 99p. (Tese de Doutorado).

SAVIANI, Dermeval. **Escola e Democracia**. São Paulo: Cortez, 2011. 54p.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007

SILVA, Guilherme Leonardo Freitas Silva; ROSSO, Ademir José. **As condições do trabalho docente dos professores das escolas públicas de ponta grossa - PR**. Anais do 8º Congresso Nacional de Educação EDUCERE; 2008. Disponível em <http://www.scielo.br>. Acesso em 10 de abril de 2019.

SILVA, Sergio Baptista da. **Repensando objetos, arte e cultura material**. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 17, n. 36, jul./dez. 2011. 7-11pp. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ha/v17n36/v17n36a01.pdf>. Acesso em 26 mar 2017.

SILVA, Sérgio Baptista da. **Repensando objetos, arte e cultura material**. Porto Alegre: Horizontes Antropológicos, ano 17, n. 36, jul./dez. 2011. 7-11pp. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ha/v17n36/v17n36a01.pdf>. Acesso em 14 de abril de 2019.

VEIGA-NETO, Alfredo. **Cultura, Culturas e Educação**. Revista Brasileira de Educação, Jul/ Ago, Nº 23, 2003. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n23/n23a01>. Acesso em 26 mar 2017.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura e sociedade**. São Paulo: Editora Nacional, 1969.

_____. **Cultura**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.239p.